

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Centro Regional do Porto
Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA

Publicação Quadrimestral
ISSN 0870 — 080X

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia
Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)
4100 PORTO
PORTUGAL

Assinatura Anual

Portugal	1200\$00
Estrangeiro	US\$18.00

Fascículo avulso

Portugal	450\$00
Estrangeiro	US\$ 7.00

Ano 12 — Setembro-Dezembro de 1991 — Fasc. 3

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

Conselho da Direcção:

Ângelo Alves
António Maria Bessa Taipa
Joaquim Monteiro
Manuel de Pinho Ferreira

1991

Composto e impresso:

Editora Correio do Minho — Braga

Depósito Legal: 18086/87

A significativa ausência do Sinai nos sumários históricos de Israel

É inegável o impulso decisivo que G. von Rad imprimiu à ciência veterotestamentária. Em muitos dos seus estudos, o grande estudioso de Heidelberg viu fundo e bem, e o seu contributo permanecerá como marco orientador para quem se quiser adentrar nos difíceis, mas fascinantes caminhos do A.T.. Mas é mesmo nos pontos mais controversos do seu legado que Von Rad se apresenta como mestre. De facto, os equívocos de Von Rad não são uns equívocos quaisquer; trata-se, na verdade, de equívocos de mestre, que abriram e continuam a abrir novos rumos à investigação.

Está neste caso uma das traves-mestras de toda a obra de Von Rad: a sua visão morfogenética do Hexateuco¹. Seguindo na esteira de Gunkel e de Alt, que se tinham dedicado ao estudo pré-literário do A.T., mediante a individuação das suas unidades literárias e dos géneros literários ou «formas» (*Gattung*) que lhes estavam subjacentes, Von Rad pensou dar um considerável passo em frente ao ocupar-se, não de uma pequena unidade literária, mas do inteiro corpo do Hexateuco, procurando encontrar, neste imenso complexo de materiais heterogéneos, a «forma», a célula embrionária, em cujo ADN estivesse contido o programa do Hexateuco actual². Esse «ovo» do Hexateuco, essa fórmula que, desenvolvendo-se, pudesse dar origem

¹ Estudo fundamental: G. VON RAD, *Das Formgeschichtliche Problem des Hexateuch*, BWANT, IV/26, Stuttgart, 1938, publicado depois em G. VON RAD, *Gesammelte Studien Zum Alten Testament*, TB, 8, München, 1958, pp. 9-86. Seguimos a tradução inglesa *The Form-Critical Problem of the Hexateuch*, in G. VON RAD, *The Problem of the Hexateuch and other essays*, London, 1984, pp. 1-78. Existe uma tradução espanhola, nem sempre isenta de incorrecções: *El problema morfogenético del hexateuco*, in G. VON RAD, *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, Salamanca, 1982, pp. 11-80. Um breve resumo deste estudo fundamental, já com algumas alterações, pode ver-se em G. VON RAD, *Genesi. Traduzione e commento*, Brescia, 1978, pp. 11-25.

² G. VON RAD, *The Form-Critical Problem of the Hexateuch*, in ID., *The problem of the Hexateuch and other essays* (doravante cit. *The Problem*), pp. 1-3.

ao Hexateuco actual, julgou Von Rad tê-la encontrado, de modo mais ou menos arcaico e mais ou menos desenvolvido, nos chamados «pequenos credos históricos» (Dt. 26,5-9; 6,20-24; Jos. 24,1-13)³ e, de modo mais ou menos livre, nas adaptações que deles foi fazendo a lírica (Ex. 15,5.8.9.10a.12-16; 1 Sam. 12,8; Sls. 78; 105; 135: 136)⁴.

Os elementos constantes destes «pequenos credos históricos» e das suas adaptações líricas são a época patriarcal, a opressão no Egipto, o Êxodo, e a instalação em Canaan⁵. Aqui estão recapituladas, de uma forma rígida, fortemente esquemática e estereotipada, que só a autoridade canónica do culto sagrado pode dar⁶, as principais fases da gesta de Deus em favor do seu povo, qual compêndio em miniatura da história da salvação.

Fascinado por esta descoberta, Von Rad não perde tempo em pôr em destaque uma primeira grande constatação: nos sumários da história da salvação, oferecidos pelos «pequenos credos históricos» e pelas suas adaptações líricas, surpreende a ausência total de qualquer aceno aos acontecimentos do Sinai⁷. Na base desta estranheza de

³ *Ibid.*, pp. 3-8.

⁴ *Ibid.*, pp. 8-13.

⁵ *Ibid.*, pp. 4.56.

⁶ *Ibid.*, p. 41.

⁷ *Ibid.*, pp. 5.6.7.8.10.11.12.13.53.55; G. VON RAD, *Genesi*, p. 19. Mas esta estranheza é igualmente acusada por M. NOTH, *Esodo. Traduzione e commento*, Brescia, 1977, pp. 13-14: «Estranhamente, parece que só relativamente tarde foi acolhido entre as profissões de fé na grande gesta de Deus em favor de Israel» (nosso o sublinhado). Estranheza a que se associa ainda recentemente TH. BOOLJ, *Mountain and Theophany in the Sinai Narrative*, in *Bib*, 65, 1984, p. 26.

Desta constatação da ausência do Sinai nos referidos «pequenos credos históricos» —apoiada nos trabalhos preliminares, no âmbito da crítica literária e histórica, de J. WELLHAUSEN, *Prolegomena zur Geschichte Israels*, Berlin, 1983, pp. 347s., e de H. GRESSMANN, *Mose und seine Zeit. Ein Kommentar zu den Mose-Sagen*, FRLANT, 1, Göttingen, 1913, pp. 234s. —vai Von Rad retirar a conhecida tese da «Independência das Tradições» do Sinai e do Êxodo-Conquista. A propósito, G. VON RAD, *The Problem*, pp. 13-15.18-19.41. Seguindo fielmente o método da *Formgeschichte*, Von Rad vai estabelecer para cada uma delas o seu *Sitz im Leben* cultural, respectivamente a Festa da Renovação da Aliança, celebrada no decurso da Festa dos Tabernáculos, em Siquém (*Ibid.*, pp. 20-26.33-40.53), e a Festa das Semanas, celebrada em Guilgal (*Ibid.*, pp. 41-48). Esta tese de Von Rad vai merecer a aceitação, com algumas alterações, por parte de M. NOTH, *Überlieferungsgeschichte des Pentateuch*, Stuttgart, 1948, pp. 42-43.63-67; ID., *Storia d'Israele*, Brescia, 1975, pp. 159s.; H.-J. KRAUS, *Gilgal. Ein Beitrag zur Kultusgeschichte Israels*, in *VT*, 1, 1951, pp. 181-194; ID., *Gottesdienst in Israel. Grundriss einer Geschichte des alttestamentlichen Gottesdienstes*, München, 1962, p. 193; R. SMEND, *Jahwekrieg und Stammesbund. Erwägungen zur ältesten Geschichte Israels*, FRLANT, 84, Göttingen, 1963, pp. 79-97. Uma panorâmica destas posições pode ver-se em R. DE VAUX, *Histoire Ancienne d'Israël. I. Des Origines à l'installation en Canaan*, Paris, 1971, pp. 378.383; e, sobretudo, em H. B. HUFFMON, *The Exodus, Sinai and the Credo*, in *CBQ*, 27, 1965, p. 102, nota 6.

Von Rad esconde-se um equívoco de fundo: o de considerar o Sinai como um acontecimento histórico no sentido em que o eram os acontecimentos históricos presentes no esquema canónico dos «pequenos credos históricos», e que, portanto, se nada o tivesse impedido, devia estar naturalmente catalogado entre eles. É o que transparece limpidamente da significativa exclamação de Von Rad quando vê, pela primeira vez, em Ne. 9, 13-14, o Sinai ocupar o seu lugar entre os acontecimentos narrados no esquema canónico da história da salvação: «Finalmente depara-se-nos a passagem que até agora procurámos em vão por toda a parte!»⁸.

Que a omissão do Sinai no rol dos acontecimentos catalogados nos «pequenos credos históricos» não requeira tanta estranheza, já o mostraram A. Weiser e J. Bright —o agora cultural do encontro com Deus, que leva o povo à aceitação da vontade de Deus proclamada nos mandamentos, e a recitação dos acontecimentos da história da salvação, são de natureza diferente⁹ —e, de um modo geral, os cultores da analogia com os formulários dos tratados vétero-orientais: o lugar da celebração da aliança (tratado) bem como a própria celebração da aliança (tratado) nunca são mencionados entre os acontecimentos narrados no prólogo histórico¹⁰. Igualmente se poderia invocar, de modo indirecto, a teoria patrocinada por Beyerlin, Bright (de novo), Fohrer, De Vaux e outros¹¹, de que, nos documentos anti-

⁸ G. VON RAD, *The Problem*, p. 12. A mesma ideia vem ao de cima em G. VON RAD, *Genesi*, pp. 14-15: «Em minha opinião não é despropositada a hipótese de que essas (sínteses históricas) existissem já no tempo dos Juízes. Seria, ao contrário, pouco provável considerar estas sínteses como resumos tardios dos grandes esboços históricos do Hexateuco. Se tal fosse verdade, deveriam ter outra configuração; e, sobretudo, não faltaria o acontecimento do Sinai, de que era óbvio se devia falar» (nosso o parêntesis e o sublinhado).

⁹ J. BRIGHT, *A History of Israel*, London, 1966, p. 15; A. WEISER, *Introduction to the Old Testament*, London, 1961, pp. 86-99, esp. p. 86. Acerca das posições de Weiser e de Bright nesta matéria, ver H. B. HUFFMON, *The Exodus, Sinai and the Credo*, in *CBQ*, 27, 1965, pp. 102-103.

¹⁰ Ver, sobretudo, H. B. HUFFMON, *The Exodus, Sinai and the Credo*, in *CBQ*, 27, 1965, pp. 103-104.107-108, com referências extra-bíblicas. Para estes autores é, pois, perfeitamente natural o facto de o Sinai não aparecer catalogado entre os acontecimentos dos «credos» de Von Rad, os quais, para eles, são prólogos históricos. Na óptica dos cultores da analogia —e ao contrário de Von Rad—, o que é de estranhar é o facto de o Sinai passar a figurar entre esses acontecimentos em Ne. 9, 13-14.

¹¹ W. BEYERLIN, *Herkunft und Geschichte des ältesten Sinaitraditionen*, Tübingen, 1961, pp. 165-166.190-191; J. BRIGHT, *A History of Israel*, p. 134; R. DE VAUX, *Histoire Ancienne d'Israël*, I, pp. 349.386; G. FOHRER, *Storia della Religione Israelitica*, Brescia, 1985, p. 75; acerca das posições destes autores, pode ver-se B. G. BOSCHI, *L'Esodo e l'Alleanza nell'esegesi moderna*, in R. FABRIS (ed.), *Problemi e Prospettive di scienze bibliche*, Brescia, 1982, p. 194.

gos, o Êxodo aponta para o Sinai (encontrando-se, portanto, conexos), o que tornaria irrelevante e secundária a ausência do Sinai nos «credos» tardios¹². Estas soluções, porém, são meros fogos-fátuos, uma vez que são os próprios alicerces que se fundamentam que não se sustentam: no caso de Weiser e de Bright, pressupõe-se, a anfictionia, o santuário central pré-monárquico e a festa da renovação da aliança—teses hoje insustentáveis¹³—, enquanto que, por parte dos cultores da analogia, se pressupõe que esta se verifique ao nível das fontes antigas, o que resulta igualmente insustentável¹⁴; por outro lado, tão-pouco se pode considerar assegurada a conexão Êxodo-Sinai, neste sentido. De facto, não é possível pôr o Êxodo a caminho do Sinai! «Ir ao deserto, a três dias de caminho, para fazer um sacrifício (*zabah*) a Jahvé» (Ex. 3,18; 5,3; 8,21.22.23.24.25... J), ou «servir (*abad*) a Deus sobre este monte» (Ex. 3,12 E): mas terá tudo isto alguma coisa a ver com o que realmente acontece no Sinai?¹⁵. Mas aqui o ambiente é de uma densidade tal que o povo não encontra espaço psicológico quer para a palavra quer para a acção: não lhe resta senão constatar (*ra'ah*) os factos (Ex. 20,18 E) e temer (*yaré*) a

¹² Neste sentido, R. DE VAUX, *Histoire Ancienne d'Israel*, I, p. 382, põe mesmo o dedo na ferida ao adiantar que não somos nós que temos a obrigação de explicar a ausência do Sinai nos «credos históricos»; são, antes, os partidários da «Independência das Tradições» que devem explicar como elas se encontram unidas já nas mais antigas fontes do Pentateuco.

¹³ Ver R. DE VAUX, *Histoire Ancienne d'Israel*, I, p. 380; ID., *Histoire Ancienne d'Israel. II. La Période des Juges*, Paris, 1973, pp. 19-35; G. FOHRER, *Storia della Religione Israelitica*, pp. 74.95-106; ID., *Strutture Teologiche dell'Antico Testamento*, Brescia, 1980, pp. 244-247; S. HERRMANN, *Storia d'Israele. I tempi dell'Antico Testamento*, Brescia, 1979, pp. 143s.; J. A. SOGGIN, *Storia d'Israele. Dalle origini a Bar Kochbà*, Brescia, 1984, pp. 257-266.

¹⁴ Na verdade, as sequências J/E não conhecem ou, se conhecem, não usam a organização textual dos tratados vétero-orientais. Ver A. COUTO, *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento*, Valadares, 1990, pp. 52s.62.74.86s.93s.126s.172s.177.190s.197, e notas 426.447.473.611.654.681. Conforme a nossa análise, o prólogo histórico e a exortação, que abre com a conjunção *w'attah*, aparecem pela primeira vez na tradição da aliança do Sinai na sua fase proto-deuteronómica, desempenhando aí, no entanto, uma função estrutural diferente da função desempenhada no mundo dos tratados (*Ibid.*, pp. 89.127, e notas 473.611). É apenas no Deuteronómio que se verifica a entrada em pleno da organização textual dos tratados vétero-orientais na tradição da aliança israelita (*Ibid.*, pp. 133s.137s.143s.174.198s., e nota 497).

¹⁵ Na base da nossa reflexão está a notável intuição de G. VON RAD, num dos últimos escritos da sua vida: *Observaciones a la narración de Moisés (Êxodo 1-14)* (publicado pela primeira vez em *EvT*, 31, 1971), in ID., *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, p. 397. Ver A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 51.176, e nota 118.

Jahvé (Ex. 20,18.20 E)¹⁶, que é o único protagonista no Sinai¹⁷. Para este Sinai não se vai. Ele surge como um encontro radicalmente novo e surpreendente *do Deus vivo com Israel* (e não o contrário). Como Paulo, a caminho de Damasco, encontrado-surpreendido (*kate-lêmphthên*) por Cristo Jesus (Fil. 3,12). Como todos os grandes encontros das páginas da Bíblia. Podemos, no entanto, pressupor—dados os indícios de índole histórico-geográfica-tribal-tradicional que os textos bíblicos nos fornecem—que alguns dos clãs ou tribos que mais tarde integrarão Israel, nomeadamente os simeonitas de Gessen (sul judaico) e os levítico/aaraonitas de Seir/Edom, faziam as suas peregrinações regulares ao deus que habitava na montanha, para aí «oferecer sacrifícios» e fazer «festas», antes de aí serem encontrados—início absolutamente novo—pelo Deus vivo¹⁸.

A ausência do Sinai nos «credos» de Von Rad (prólogos históricos para os cultores da analogia) é um facto incontroverso. Por outro lado, e como acabámos de verificar, nenhuma das soluções até agora invocadas explica essa ausência de uma forma plausível, porque minadas por equívocos notórios e injustificados ou assentes em bases insustentáveis. É, pois, necessário aceitar o facto (a ausência do Sinai nos resumos aludidos da história da salvação) como tal, e, a partir daí, procurar uma solução que tenha em conta todas as peças do *puzzle*. No nosso caso, não nos vamos pronunciar sobre o assunto, só porque este se tornou ponto quase obrigatório de passagem¹⁹, sendo, portanto, necessário arranjar-lhe um lugar adequado no sistema; é, antes, o próprio sistema que elaborámos²⁰ que convoca naturalmente esses textos a depor a seu favor. Na verdade, no nosso sistema, o encontro fundamental e decisivo do Sinai funciona como o diafragma hermenêutico dum presente sempre em movimento, que continuamente divide e organiza a história e o edifício bíblicos VT em passado dado e futuro submetido à responsabilidade; nestas con-

¹⁶ Segundo a nossa análise, os ritos referidos em Ex. 24, 3-8 e 24, 1-2.9-11 constituem tradições especiais da aliança do Sinai, formam sentido em si mesmos, e não servem de coroa às sequências J/E. Ver A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 40.51-52.56s.66s., com ampla bibliografia.

¹⁷ Problemática e bibliografia em A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 51.176, e nota 118.

¹⁸ Para a importante problemática aqui apenas aflorada, ver A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 35-36.63-65.94-106, e notas 117.118.147.

¹⁹ D. J. MCCARTHY, *What was Israel's Historical Creed?*, in ID., *Institution and Narrative. Collected Essays*, Roma, 1985, p. 312.

²⁰ Remetemos para a nossa Tese de Doutoramento, já citada, com o título «A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento».

dições—e dado o seu carácter operativo para a história e para o edifício bíblicos VT—, é perfeitamente natural que o Sinai não passe à história, não obstante a vontade desesperada de Von Rad nesse sentido²¹.

Na nossa maneira de ver, esses catálogos de acontecimentos históricos a que Von Rad chama «pequenos credos históricos» constituem *sumários* da história significativa de Israel—na verdade, «as tradições sobre a história da salvação são anteriores às confissões de fé que as resumem»²²—interpretada à luz do sentido que decorre do encontro fundamental e decisivo do Sinai, enquanto diafragma do horizonte hermenêutico do presente. Daqui, interpretando, «nasce» a história. Desta *história significativa* se fazem *sumários*, em si mesmos abertos a múltiplas possibilidades de utilização²³.

Tendo ainda G. von Rad como ponto de referência, podemos hoje dizer que não se trata tanto de «credos»—confissões de fé—expressos numa linguagem rígida, fortemente esquemática e estereotipada, que acusa a mão da autoridade canónica do culto; mas tão-pouco se trata de «prólogos históricos», no sentido indicado pelos cultores da analogia; estamos antes perante *sumários*, *textos-base*, relativa-

²¹ E se tal vem a acontecer em Ne. 9, por exemplo, é necessário ter presente que a tradição cultural da aliança do Sinai, que veiculava aquele encontro fundamental e decisivo, tinha chegado ao seu termo com o Exílio. Ver, entre outros, N. LOHFINK, *Le devenir de l'Ancien Testament*, in ID., *L'Ancien Testament. Bible du chrétien aujourd'hui*, Paris, 1969, p. 27; ID., *Rilievi sulla Tradizione dell'Alleanza con i Patriarchi*, in *RivBib*, 15, 1967, p. 404; M. NOTH, *Las leyes en el Pentateuco. Su presupuesto y sentido*, in ID., *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, Salamanca, 1985, pp. 80-81; ID., *Catástrofe de Jerusalém el 587 a.C. y sus repercusiones para Israel*, in ID., *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, p. 269; J. VERMEYLEN, *Le Dieu de la Promesse et le Dieu de l'Alliance. Le dialogue des grandes intuitions théologiques de l'Ancien Testament*, Paris, 1986, pp. 111s.; G. VON RAD, *La teología deuteronomística de la historia en los libros de los reyes*, in ID., *Estudios sobre el Antiguo Testamento*, p. 179; W. ZIMMERLI, *Alleanza sinaitica e alleanza abramitica. Contributo per la comprensione dello Scritto sacerdotale*, in ID., *Rivelazione di Dio. Una teologia dell'Antico Testamento*, Milano, 1975, pp. 194-195. Dessa maneira, o Sinai passa finalmente à história e entra no rol dos acontecimentos operados por Deus em favor do seu povo (Sinai=dádiva da Lei+nascimento da autêntica comunidade cultural). Esta passagem do Sinai à história com o desastre do Exílio traria naturalmente consigo o fim da própria história bíblica. Tal não sucede, porém, porque, entretanto, algumas correções foram sendo apostas na vertente do futuro da tradição da aliança do Sinai. Ver A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 227.250, e notas 607.720.724.

²² R. DE VAUX, *Histoire Ancienne d'Israël*, I, p. 379; ver também N. LOHFINK, *La storia della Salvezza. Un esempio di sfoggio del concetto teologico di storia della salvezza negli ultimi decenni*, in ID., *Le Nostre Grandi Parole. L'Antico Testamento su temi di questi anni*, Brescia, 1986, pp. 90-91.

²³ Ver D. J. MCCARTHY, *What was Israel's Historical Creed?*, pp. 318-319; M. WEINFELD, *Deuteronomy and the Deuteronomistic School*, Oxford, 1983, pp. 32-35.

mente fixos, mas longe da rigidez canónica de um «credo»²⁴, os quais, incorporados numa determinada acção cultural, mormente no culto da aliança²⁵, constituem a base para uma exortação à fé. Não se trata, portanto, de «credos»—um credo é a proclamação daquilo em que se acredita (confissão de fé)—, mas de *textos-base* usados para provocar uma decisão de fé²⁶. Dado o quadro exortativo em que se integram, estes *textos-base* podiam naturalmente ver as suas linhas temáticas envolvidas num processo de desenvolvimento e actualização de modo

²⁴ Que a posição de Von Rad, neste domínio, não se sustenta, mostrou-o D. J. MCCARTHY, *What was Israel's Historical Creed?*, p. 318: «Há uma tendência para o aparecimento das mesmas palavras, mas com uma certa alteração no uso e no significado. Por exemplo, «servir» pode significar «servir a Deus», «servir os ídolos», ou «servir como escravo». Deus «envia» Moisés para libertar ou «envia» a sua mão forte... Por outro lado, ideias semelhantes recebem expressão diferente. Por vezes é Jahvé que «faz sair» Israel do Egipto; outras vezes, essa função é desempenhada por Moisés e Aarão. Outras vezes ainda, a terminologia não é «fazer sair», mas «fazer subir». Por outro lado, umas vezes Israel «está estabelecido», outras vezes «reside», e isto acontece quer na «terra» quer «neste lugar», quando não tem apenas a sua «porção de terra». A terra é uma «herança», mas é também uma «propriedade conquistada a alguém». Por vezes, o movimento do conjunto é comandado por uma promessa feita a um patriarca ou patriarcas, e pelo seu cumprimento. Outras vezes, nada disso se verifica».

²⁵ R. DE VAUX, *Histoire Ancienne d'Israël*, I, pp. 379-380, e E. TESTA, *Dall'Egitto a Canaan. Le chiamate di Dio alla libertà*, Assisi, 1975, p. 207, atribuem um contexto de aliança a Jos. 24, 2-13, 1 Sam. 12,8 e Dt. 6, 20-24. J. MUILENBURG, *The Form and Structure of the Covenantal Formulations*, in VT, 9, 1959, pp. 347-365, atribui um tal contexto a Ex. 19,4, Jos. 24, 2-13 e 1 Sam. 12,8. O mesmo se verifica em D. J. MCCARTHY, *Treaty and Covenant. A Study in Form in the Ancient Oriental Documents and in the Old Testament*, Roma, 1978, Capítulos XI e XII. Acerca do contexto de aliança de Ex. 19,4 e Jos. 24, 2-13, também nós nos pronunciámos exaustivamente (A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 75s..106s.). A posição dos cultores da analogia, para quem os «credos» são «prólogos históricos», o que implica necessariamente um contexto de aliança, não pode ser aqui invocada, uma vez que há «credos» que não estão pura e simplesmente em contexto de aliança. É o caso de Dt. 26,5-9. Aqui temos um exemplo da utilização do material-base de um sumário pelo autor do Deuterónimo como *oração litúrgica*, em ordem a dar significado e voz a um acto ritual silencioso: a «oferta das primícias». Sobre o assunto, ver M. WEINFELD, *Deuteronomy and the Deuteronomistic School*, pp. 32-33. Trata-se, de facto, de um trabalho do autor do Deuterónimo, que relê, para o efeito, textos antigos, nomeadamente Núm. 20, 15-20, que usa o material-base dos sumários noutra perspectiva. A propósito, C. CARMICHAEL, *A New View of the Origin of the Deuteronomistic Creed*, in VT, 19, 1969, pp. 279s.; M. WEINFELD, *Deuteronomy and the Deuteronomistic School*, pp. 33-34.

²⁶ Ver D. J. MCCARTHY, *What was Israel's historical Creed?*, pp. 314.316.317. 318 e 319.

É bom ter presente que alguns destes *textos-base*, nomeadamente Ex. 19,4, Jos. 24, 2-13 e 1 Sam. 12,8, estão integrados em contextos de aliança declaradamente proto-deuterónicos. Ver D. J. MCCARTHY, *Treaty and Covenant*, pp. 15-16.23.206-221.233.269. 275.283-285.291-293. Também nós o subscrevemos, nomeadamente no que diz respeito a Ex. 19, 3b-8 e a Jos. 24, mas salientámos que a intenção primeira destes textos é provocar

a fazer chegar a acção de Deus até à situação histórica concreta em que se desenrolava a acção cultural²⁷.

A ausência do Sinai nos sumários da história bíblica, usados em situação cultural ou não—para o caso negativo, basta lembrar a passagem de Núm. 20, 15-16, que é, aliás, o mais antigo exemplo destes sumários²⁸—, ausência verificada ao nível das diversas camadas de estratificação dos textos bíblicos, nomeadamente nas fontes antigas,

uma decisão de Fé (A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 85s.125s.143.205, e notas 259.289 e 731). Talvez tenha sido este o *Sitz im Leben* original do uso cultural do material dos sumários, uma vez que as fontes antigas não o usam em tais contextos. E não será mesmo um sinal de que o material-base dos sumários se tornou, a partir de meados do século IX, com o teólogo proto-deuteronomico, como que técnico em contextos de aliança, que alguém interpolou em Gén. 15, onde, no v. 7, temos um *patriarca* e a *terra*, os vv. 13-16, que completam o quadro com o *Egipto* e o *Êxodo*? É esta a opinião de D. J. MCCARTHY, *What was Israel's Historical Creed?*, pp. 317-318. De resto, que Gén. 15, 13-16 constitui um acrescimento, sem clara referência a uma fonte escrita, vemo-lo, por exemplo, em N. LOHFINK, *La promessa della terra come giuramento. Studio su Gen. 15*, Brescia, 1975, pp. 47.51.99; G. VON RAD, *Genesi*, pp. 235.243-244; W. ZIMMERLI, *Manual de Teología del Antiguo Testamento*, Madrid, 1980, p. 55.

²⁷ Sobre este processo de desenvolvimento e actualização da gesta salvífica de Deus, ver H. B. HUFFMON, *The Exodus, Sinai and the Credo*, in *CBQ*, 27, 1965, p. 109; D. J. MCCARTHY, *What was Israel's Historical Creed?*, pp. 314s.; G. VON RAD, *The Problem*, pp. 10-13; ID., *Teología del Antiguo Testamento. I. Teología de las tradiciones históricas de Israel*, Salamanca, 1972, pp. 169-170.174.

Os acontecimentos do Egipto-Êxodo constituem, sem dúvida, o primeiro grande marco na sedimentação do passado interpretado como dado a partir do horizonte hermenêutico do Sinai. Porém, a partir desta pedra fundamental, o passado interpretado como dado vai-se alargando. Assim, quando o horizonte hermenêutico do Sinai se deslocar para o período que se segue à instalação em Canaan, é fácil de ver que aos acontecimentos do Egipto-Êxodo venha agora juntar-se naturalmente a dádiva da Terra, ao mesmo tempo que o passado de benefícios de Jahvé se vai também naturalmente alargando até à mais remota memória que este povo se faz das suas origens, a época patriarcal. Mas se o horizonte hermenêutico do Sinai se situar agora no início da época dos reis, então é todo o passado—desde a época patriarcal até esse preciso momento—que é nivelado pela graça de Deus (1 Sam. 12, 8-15: particular atenção merece o v. 13, que marca o clímax do relato, e inverte o rumo da história, apresentando o rei, não já como sinal de infidelidade, mas como dádiva de Deus; neste sentido, ver D. J. MCCARTHY, *The Wrath of Jahweh and the Structural Unity of the Deuteronomistic History*, in ID., *Institution and Narrative*, p. 345). E se, finalmente, deslocarmos esse horizonte hermenêutico para o período post-exílico, como sucede, por exemplo, em Ne. 9, é então o imenso arco do passado—incluindo os seus períodos mais negros (o próprio exílio: vv. 30-31)—que é colocado sob o signo da ternura e da misericórdia de Deus.

²⁸ A expressão é de D. J. MCCARTHY, *The Uses of w'himneh in Biblical Hebrew*, in ID., *Institution and Narrative*, p. 245. A passagem é geralmente considerada antiga. Assim, O. EISSFELDT, *Introduzione all'Antico Testamento. II. Analisi dei libri dell'Antico Testamento-1*, Brescia, 1980, pp. 77.86.88, classifica-a entre o material que reúne características L/J/E; E. SELLIN-G. FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento. I. Livros históricos e códigos legais*, S. Paulo, 1983, pp. 201.209, atribui-lhe características J/E; sobre o assunto, e apontando igualmente para um fundo antigo, ver também C. CARMICHAEL, *A New View of the Origin of the Deuteronomistic Creed*, in *VT*, 19, 1969, pp. 279s.; M. WEINFELD, *Deuteronomy and the Deuteronomistic School*, pp. 33-34.

nos textos proto-deuteronomicos e deuteronomicos, e ainda em textos proféticos e poéticos²⁹, situação que só é corrigida nalguns textos post-exílicos, claramente corrobora a tese que defendemos: o Sinai, enquanto encontro fundamental e decisivo, de vida ou de morte³⁰, não passa à história; antes, se mantém como diafragma hermenêutico dum presente sempre em movimento, que continuamente divide e organiza a história bíblica e a sua textualidade em passado «dado» e futuro submetido à responsabilidade³¹. Um futuro que, por estar submetido à responsabilidade, se desenha no horizonte, revestido de possibilidades opostas, e se apresenta por vezes, com cores negras. Porém, dada a dinâmica imprimida à história bíblica, até as próprias situações negras, uma vez vividas e passadas através do diafragma hermenêutico do encontro do Sinai, são niveladas pela graça e pela misericórdia de Deus, incorporando-se assim no passado «dado».

Através do diafragma hermenêutico do encontro do Sinai, avista-se sempre, retrospectivamente, um passado «dado», e, prospectivamente, um futuro aberto à responsabilidade.

António José da Rocha Couto

²⁹ Os «credos» ou os seus elementos encontram-se disseminados um pouco por toda a parte conforme listagem de textos-base que reproduzimos de D. J. MCCARTHY, *What was Israel's Historical Creed?*, p. 313, nota 3: Gén. 15, 7.13-16; 28, 13-15; Ex. 3, 10-13; 6, 2-9; 19, 3-6; 20, 5-6; Núm. 20, 15-16; Dt. 6, 20-24; 26, 5-10; Jos. 24, 1-28; Jz. 6, 8-10; 1 Sam. 10, 17-19; 12, 6-25; Ne. 9-10; Jer. 16, 14 (=23, 7); 51, 10; Ez. 20; Zac. 4, 7; Sl. 78; 81; 105; 106; 135; 136.

³⁰ Porque o Deus do Sinai é o Deus vivo: n'Ele e na sua Palavra está a vida (Dt. 4, 1.40; 6.24; 8.1.3; 11.9; 16.20; 22.7; 25.15; 30.6.15-20; 32.47; Sl. 36.10; 119.25.37); fora d'Ele e da sua Palavra há apenas a sombria região da morte (Sl. 30.8s.; 88.6; 104.29; 130.3; 143.7b). Estar na presença de Deus e escutar a sua Palavra é verdadeiramente um caso de vida ou de morte. Ver A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 55.197-199, com ampla bibliografia.

³¹ O homem do Sinai fica assim condenado sob pena de morte a viver continuamente *neste* e *deste* encontro fundamental e decisivo (A. COUTO, *A Aliança do Sinai*, pp. 196-197, e nota 695). Difícil equilíbrio. A vontade soberana de Jahvé, expressa na Lei, no Decálogo, não é outra coisa senão o conjunto dos resultados que a razão e a experiência mostraram ser os mais adequados para manter este equilíbrio, para viver *neste* e *deste* encontro fundamental e decisivo (*Ibid.*, pp. 4-5.41-43.237-238.251, e nota 138). Hermeneuticamente, o homem do Sinai vê toda a sua história *a caminho* deste encontro fundamental e decisivo, *neste* encontro fundamental e decisivo, e *a partir* deste encontro fundamental e decisivo (*Ibid.*, pp. 165s.: formulação teórica; pp. 172s.: passado; pp. 196s.: futuro).